

A REUNIÃO DO COPOM

Empresários e sindicalistas criticam timidez

Argumento é que queda da inflação e alta do desemprego não justificam tanta cautela

A redução de 1,5 ponto porcentual na taxa básica de juros, a Selic, caiu como um balde de água fria na cabeça de empresários e sindicalistas. O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Luiz Marinho, afirmou que essa redução foi "insuficiente e conservadora". E emendou: "Se eu estivesse sentado na cadeira lá, reduziria, no mínimo, 2,5 pontos porcentuais." O presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, também criticou, alegando que "o remédio, ou seja, a redução dos juros, é correto, mas a dose é incapaz de promover a retomada do desenvolvimento econômico do País".

Há muito o discurso do trabalho não estava tão afiado com o do capital como ontem. Horácio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, a poderosa Fiesp, divulgou nota em que afirma que "a surpreendente decisão do Copom de reduzir a taxa básica em apenas 1,5%, e não mexer nas alíquotas de recolhimento compulsório, fará com que a economia se desacelere por mais tempo".

Segundo a nota assinada por Piva, "esse excesso de zelo ameaça agravar o quadro atual de desemprego e deteriorar ainda mais a saúde financeira das empresas. Ainda não vimos o fundo do poço". No início da noite, Piva afirmou, ainda mais taxativo, que a modesta redução de



**PARA FIESP,
FUNDO DO
POÇO NÃO
CHEGOU**

ontem representa um enorme risco político para a popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Com este quadro não será possível ocorrer o espetáculo do crescimento", disse Piva, numa clara referência à expressão que o presidente Lula pretende ver materializada.

"Estamos vivendo um momento de constrangimento, com queda no nível de emprego e de grande tensão. Portanto, não haveria problema algum em reduzir essa taxa em quatro pontos porcentuais, a economia

VAI HAVER RETOMADA?

“Ninguém esperava de um órgão que é sempre caracterizado como conservador uma ação que não estivesse de acordo com a tradição. Ainda tem muito chão pela frente.”

Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio



“A decisão é insuficiente e conservadora. Se eu estivesse sentado na cadeira lá, reduziria, no mínimo, 2,5 pontos porcentuais.”

Luiz Marinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)

“O remédio, ou seja, a redução dos juros, é correto, mas a dose é incapaz de promover a retomada do desenvolvimento econômico do País.”

Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da Força Sindical

“A expectativa do setor privado era que o Copom reduzisse mais. A redução, entretanto, é um sinal de que o governo está se sensibilizando sobre a necessidade de uma redução dos juros cada vez maior.”

Ingo Plöger, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha



“O que a sociedade precisa mesmo é de fatos concretos, que modifiquem a grave situação do País. Desse jeito, só veremos alguma recuperação no ano que vem.”

Luiz Carlos Delben Leite, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos

“A surpreendente decisão do Copom de reduzir a taxa básica em apenas 1,5%, e não mexer nas alíquotas de recolhimento compulsório, fará com que a economia se desacelere por mais tempo.”

Horácio Piva Lafer, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

“A decisão do Copom decepcionou. Mas espero que seja o primeiro passo para estimular o crescimento econômico que o Brasil precisa.”

Ben van Schaik, presidente da DaimlerChrysler do Brasil

suportaria muito bem.”

O presidente da DaimlerChrysler do Brasil, Ben van Schaik, também considerou decepcionante a redução. "Considerando a deflação verificada nas últimas semanas e uma baixa inflação para os próximos 12 meses, a decisão do Copom decepcionou. Mas espero que seja o primeiro passo para estimular o crescimento econômico que o Brasil precisa."

Os presidentes de diversas entidades empresariais também se disseram surpresos com a redução. Para Paulo Skaf, da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), seria necessário que a taxa tivesse recuado entre 3 e 4 pontos hoje para o País reto-

mar a trajetória de crescimento a partir de setembro. "A queda extrema no nível de atividade -- com redução de produção, de renda e de emprego -- precisa mudar urgentemente", afirmou.

Já o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Carlos Delben Leite, acredita que o governo perdeu a oportunidade de virar o jogo na economia e criar condições para a retomada do crescimento. "Desse jeito, só veremos alguma recuperação no ano que vem." No dia anterior, Leite defendia um corte de quatro a cinco pontos porcentuais na taxa. (Carlos Franco, Jander Ramon e Wladimir Goitia)